

FORMAR PARA TRANSFORMAR:

A IMPORTÂNCIA
DA EDUCAÇÃO
CONTINUADA
NO MANEJO DOS
TRANSTORNOS
DE APRENDIZAGEM

Por Daniele Souza



Sou psicóloga e formadora de professores pelo iABCD e neste artigo irei compartilhar um pouco sobre minha vivência nesta área e as suas contribuições para a compreensão e manejo dos transtornos de aprendizagem, em especial da Dislexia, por parte dos profissionais da Educação.

O iABCD realiza desde 2012 o Programa “Todos Aprendem” em parceria com Secretarias de Educação de todo o Brasil com foco em fortalecer a capacidade das escolas de identificar os diferentes perfis de aprendizagem, promover a identificação precoce dos transtornos específicos de aprendizagem e estimular o acompanhamento adequado das crianças, especialmente as que apresentam dislexia. Esta formação é realizada tanto presencialmente quanto na modalidade online (EaD) com tutoria especializada.

Meu interesse por conhecer mais sobre a aprendizagem de adultos surgiu há 10 anos, inicialmente com a atuação na área de treinamento corporativo, mas foi na área escolar que encontrei a verdadeira missão da andragogia ou “educação de adultos”

Adultos não aprendem como crianças, isso é um fato inquestionável. Partindo desta premissa, a educação ou formação continuada para adultos não deve ser baseada nos princípios pedagógicos e sim nos **pilares andragógicos que nos ajudam a compreender e planejar melhor nossas ações formativas**. São eles:

- **Necessidade de saber:** Somos estimulados a aprender conforme vivenciamos as necessidades que a aprendizagem satisfará. Portanto, a formação continuada deve ser relevante, estar relacionada com as atividades profissionais e contribuir para a solução de problemas reais.
- **Autonomia:** Temos forte necessidade de decidir quando, como e o que queremos aprender, não é mesmo? Porém, naturalmente, nem todos aprendem da mesma forma. Portanto, dentro dos princípios da andragogia, devem-se prever as diferenças de estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem. Neste sentido, as formações EaD trazem contribuições muito positivas.
- **Papel das experiências prévias:** Os educadores gostam de compartilhar suas experiências e conhecimentos acumulados. Os relatos podem servir como base para a construção de novos conhecimentos, conforme estimulamos intensamente em nossas formações do iABCD.

- **Interatividade:** A interação entre os educadores e com o formador é essencial para a qualidade da aprendizagem. Para isso, é preciso que haja o estímulo de situações interativas, como discussões, debates, atividades em grupo, cases e jogos.
- **Clima de segurança e respeito:** O clima de aprendizagem deve ser acolhedor, respeitoso e seguro durante toda a formação, evitando intimidações e constrangimentos.
- **Reflexão e *feedback*:** Os educadores devem ter a oportunidade de praticar os novos conhecimentos e de refletir sobre sua prática, analisar e avaliar seu próprio desempenho. Só assim poderão descobrir novas perspectivas e opções de aprimoramento. Nesse sentido, o *feedback* do formador ou dos colegas é muito valioso.

Isso quer dizer, portanto, que quando nos propomos a ensinar adultos, ele é o sujeito da educação e não meramente o objeto dela, ou seja, em toda formação deve haver espaço para o diálogo, troca e aprendizado mútuo. As cada vez mais difundidas “metodologias ativas” na educação se apoiam, inclusive, nestes pilares.

Agora, abordando mais especificamente a formação de professores com foco na Dislexia, sabemos que há muitos desafios na formação em Pedagogia no Brasil frente à defasagem de conhecimentos e a ainda incipiente abordagem sobre desenvolvimento humano e transtornos de aprendizagem na grade curricular das graduações.

Neste cenário, surgem oportunidades, como cursos e ferramentas para preencher estas lacunas e fornecer aos educadores formações complementares e atualizadas para **sensibilizá-los e instrumentalizá-los no melhor manejo da Dislexia em sala de aula.**

Quanto mais cedo for identificado o transtorno de aprendizagem, a família e a escola terão mais oportunidades em amenizar as dificuldades. Para que isso aconteça, o **olhar atento do professor** é fundamental. Neste contexto, o professor desempenha um papel importante no aprendizado da leitura e escrita, pois atua como observador do comportamento da criança em sala de aula, compreendendo, registrando e intervindo com práticas educacionais em suas dificuldades e potencialidades.

Para os especialistas da saúde, o conhecimento do professor sobre a dislexia assume grande importância no pré-diagnóstico, encaminhamento e intervenção. Porém, não cabe ao mesmo realizar o diagnóstico dos transtornos de aprendizagem. Para tal, a criança deve ser avaliada por uma **equipe multidisciplinar** composta, minimamente, por médico, psicólogo e fonoaudiólogo, que devem ouvir o professor durante o processo de avaliação.

Para finalizar, é importante ressaltar que, independentemente do diagnóstico, o professor é uma figura de importante referência para o aluno e tem ao seu alcance inúmeras possibilidades pedagógicas de minimizar as dificuldades de leitura e escrita apresentadas. Destacamos as estratégias baseadas no Princípio do **Desenho Universal da Aprendizagem**, ou seja, ao identificar e ensinar melhor aos alunos que estão com dificuldades para aprender, propicia-se uma melhor experiência de aprendizagem a todos os alunos. Para isso, a utilização de recursos que exploram as diferentes formas de expressão e compreensão (visual, auditiva, sinestésica...) do conteúdo a ser apresentado e da posterior avaliação são extremamente bem-vindas! Vamos testar?



Psicóloga, Psicopedagoga e Orientadora Educacional.

** Se tiver interesse em saber mais sobre o tema Andragogia, recomendamos o livro "Andragogia em ação", de Zezina Soares Bellan.

** Para saber mais sobre diagnóstico e manejo da Dislexia, acesse o nosso Guia de Boas Práticas em <http://www.institutoabcd.org.br/centros-de-referencia/>